



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

BELÉM-PA | ANO 2 | N.2 | JAN-JUN 2015

A LITERATURA INFANTOJUVENIL E SEUS OSCARS

Ângela Leite

Não foi a primeira vez que um gênero tacitamente considerado “menor” sobe ao primeiro lugar no pódio do prêmio literário mais prestigioso e mais antigo do Brasil, o Jabuti. Em 2012, Stella Maris Rezende, com “A mocinha do Mercado Central” venceu não só na categoria juvenil como também na de Livro do Ano de Ficção, batendo grandes títulos de literatura geral.

Em 2014, a proeza se repetiu. “Breve história de um pequeno amor” conquistou para a autora, Marina Colasanti, dois primeiros prêmios – o da categoria infantil e o de Livro do Ano de Ficção. Ambos os feitos foram reveladores de que a literatura infantojuvenil brasileira está totalmente madura e digna de todo o reconhecimento, quer da crítica, quer do público.

A excelência dessas duas autoras percorre, no entanto, vias bem diferentes.

Stella faz, desde o começo de sua carreira, textos experimentais, baseados no estratagema de uma linguagem ora interiorana, um muito próprio “mineirês” (a escritora, nasceu em Dorcas do Indaiá), ora sofisticada e cheia de referências culturais. Mas não se pense que tal resultado brota de puro talento: ela obedece a uma disciplina diária, as mãos percutindo o teclado chovia ou faça sol. E não foi à toa que a dupla premiação veio somente coroar uma lista já longa de láureas importantes.

Não conheço os hábitos de trabalho de Marina, porém, o livro recém-premiado só pode ser fruto de cuidadosa elaboração. A leveza e a fluidez de sua “Breve história” são com toda certeza a forma obtida após horas e horas debruçada sobre as palavras. E estas nunca sobram nem faltam: o texto final é o que se pode qualificar de impecável, pois a autora, com sua também longa e laureada trajetória no jornalismo e nas letras, vem afiando seu ferramental a cada novo livro. Ora escrevendo para adultos, ora produzindo narrativas universais como a que lhe rendeu esse

último prêmio, Colasanti não se dirige a nenhum público em especial, mas, como sempre, atinge a alma de todo leitor.

AS MOCINHAS

O título escolhido por Stella não prepara o leitor para a força do texto nem para as surpresas que cada página lhe reserva. O ponto de partida da aventura de sua personagem é a ideia de que os nomes fazem as pessoas, isto é, seus significados determinam não só o caráter do portador, como o caminho que irá trilhar na vida. E a história da jovem Maria, que começara tragicamente de um estupro, irá se desdobrar em inúmeras **outras**, escolhidas pela própria protagonista à medida que também elege nomes e procura vivenciar as experiências que cada um deles indica.

A maestria da autora consiste em girar esse enredo caleidoscópico confundindo o leitor: sonho e realidade se mesclam, e mesmo essa suposta "realidade" pode ser apenas ficção. Bem no começo do livro, ela fornece algumas chaves para a compreensão desse engenhoso texto. "Magia" e "imaginação" são palavras recorrentes, pistas para a revelação que Stella, ela mesma uma prestidigitadora, consegue deixar para os capítulos finais.

Aliás, não existe na obra essa clara divisão formal. Parágrafos iniciando por frases em negrito, ou soluções gráficas e cromáticas dadas pelo ilustrador concedem a quem lê luz suficiente para se orientar ao longo dessa narrativa tão incomum. Sua originalidade está, por exemplo, na forma com que a escritora cria os diálogos, evitando travessões para indicar as falas, ou inserindo-as na narração sem sinais de pontuação que as distingam. Tais recursos refletem a caprichosa artesanaria desenvolvida por Stella, a qual justifica, por si só, a premiação.

Outro encantamento que "A mocinha do Mercado Central" proporciona é o de podermos observar a desenvoltura e leveza com que Stella vai entremeando o texto com celebridades - estas, sim, reais - vivas ou não, de diversos segmentos da arte, principalmente a literária. Assim, Selton Melo toma um café com a protagonista, que, entre outros encontros importantes, depara finalmente com a poesia de Fernando Pessoa e encontra também consigo mesma. Se o poeta muitas almas tinha, então é permitido a ela ter a sua coleção de personas e vivê-las.

Mas a busca de sentido para sua vida não termina aí. Outras descobertas fundamentais irão devolver-lhe sua verdadeira

identidade. Porém, permanece insolúvel o mistério que permeia toda a trama: Maria e seus muitos nomes adotivos, assim como o constante retorno à pequena Dorcas do Indaiá, são facetas autobiográficas da escritora, ela própria uma atriz? Ou são personagens de uma ficção dentro de outra ficção? Cabe a cada leitor chegar ao final do livro e desvendar, se puder, este jogo de esconde-esconde tão bem arquitetado.

BREVE E GRANDE

Não menos artesanal e encantadora é a “breve história” de Marina Colasanti. Seu principal mérito é transformar em refinada peça literária um fato corriqueiro, que não passaria de episódio a ser comentado numa roda de amigos. E esta é aquela virtude que, como se diz, separa os meninos dos homens. No caso, os medianos dos grandes autores.

O conto nasce de um acontecimento fortuito: a autora, na vida real, descobre um ninho de pombos sob seu telhado e, com a partida assustada da mãe, os filhotes passam a ficar por sua conta. Apenas um sobrevive, e a mãe adotiva humana se desvela em cuidados. Daí por diante, o desenvolvimento do pombo será o centro das atenções na família Colasanti e no enredo.

Embora o relato flua com a habitual serenidade da maioria dos textos da escritora, percebe-se o tempo todo uma criteriosa seleção de palavras e, dentro de aparente simplicidade, uma permanente procura de inventar modos de nos surpreender. Um exemplo é a forma por ela engendrada para contar a escolha do nome da ave e o quanto este fora adequado: “O nome era pequeno, jeitoso, sonoro, vestiu nele como roupa sob medida. E imediatamente o olhamos de outro modo, não como se olha um filhote qualquer, mas como se olha alguém chamado Tom.”

Diferentemente de Stella Maris, Marina Colasanti não é a autora oculta por trás da narrativa. Ela é ela mesma, desde o início. Fala de sua atividade de escritora, conta um acontecimento real em sua vida, do qual apenas extraiu, graças ao seu talento, uma delicada história de amor. Mais do que isso, ao se deter nos sentimentos que a criação do pombinho vai-lhe despertando, e, de modo especial naqueles que acompanham o desfecho desse relacionamento, Marina constrói uma nova alegoria da velha e universal dificuldade humana de aceitar que filhos crescem e precisam ter vida própria.

São obras assim que têm colocado a literatura brasileira em pé de igualdade com a de qualquer outro país. Publicadas como infantojuvenis, engrandecem o segmento com as premiações. E aumentam, para todos os autores do gênero, as perspectivas de

seu trabalho de criação, sejam textos, sejam imagens. Crescimento que maior ainda será quando, diante da importância hoje internacional desses artistas, forem consolidados seus direitos e, com isso, permanecer viva e pujante a cadeia produtiva do livro.

REFERÊNCIAS

REZENDE, S. M. **A mocinha do Mercado Central**. Ilustrações: Laurent Cardon. São Paulo: Globo, 2011.

COLASANTI, M. **Breve história de um pequeno amor**. Ilustrações: Rebeca Luciani. São Paulo: FTD, 2013.

SOBRE A AUTORA

Angela Leite de Souza nasceu e mora em Belo Horizonte. Viveu, porém, grande parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde se formou em Jornalismo pela PUC. De 1969 a 1975 exerceu regularmente a profissão, trabalhando em alguns dos principais jornais e revistas da imprensa brasileira, como VEJA, O GLOBO, JORNAL DO BRASIL, entre outros. Faz crítica literária e ilustração, especialmente de literatura infanto-juvenil, área em que se especializou em 1992, na PUC/MG.. E-mail: angelaleitedesouza@yahoo.com.br

Recebido: 25.03.2015

Aprovado: 30.03.2015.